

MARTIM

e o brilho que vi teria acabado de nascer

ou estaria indo embora?

*; fizeram-me esquecer
o que me deixaram adivinhar,
mas vagamente ficou-me
a noção de que meu destino me ultrapassa,
e de que sou instrumento do trabalho deles.*

Clarice Lispector
“O ovo e a galinha”

Para o meu Martim.

SUMÁRIO

I.	pág. 9	Você é Muito Bonito
II.	pág. 16	Conversa de Mar
III.	pág. 28	Combino Comigo?
IV.	pág. 29	Redondo
V.	pág. 36	O Café da Manhã
VI.	pág. 40	Abertura
VI.	pág. 42	Peregrinação
VIII.	pág. 57	A Partir Daqui
IX.	pág. 58	Teodora
X.	pág. 59	Doação
XI.	pág. 65	Mãe da Ana
XII.	pág. 66	Uma Mancha Vermelha
XIII.	pág. 71	Ana
XIV.	pág. 73	Lá Embaixo
XV.	pág. 75	E você? É você?
XVI.	pág. 76	Não Me Pertença
XVII.	pág. 82	Minha Chuva é Igual a Sua
XVIII.	pág. 84	Faltava Te Dizer Isto

Não Me Pertença

Atracamos.

Saí correndo, não trouxe nada. Não trouxe nada porque era eu só desespero.

Hoje, 16 de janeiro de 1958, pisaria em Trindade depois de ficar sem pisar na ilha por outro passado ano inteiro. Pois, não interessa. Meu Deus, sentia que hoje teria que me despedir da que eu mais amei, da que eu mais amo. Se eu, Martim, amo Ana Valente? Sim. Amo muito. Em pessoa; amo além do escrito, da história. Uma parte de minha alma está naquela menina. Um desespero, desespero absurdo, urgência. Meu Deus! Terminou o ano! Cadê a Ana?

Saí do Sirius, pulei no mar. Trindade e Martim Vaz são muito dificultadas o acesso, até para barco. Então, na inquietude, pedi para seu Pedro ancorar, perto. Aí pulei. Pulei assim como já fiz anteriormente. Atirei-me em alto mar. Atirei-me pela segunda vez, logo, dessa não senti medo. Não me deixei afundar. Nem sequer mergulhei. Um motor estava preso em mim, motor mais forte que eu. Engrenagem rápida, muito rápida, urgente, de ontem. Eu ainda levava comigo o filtro, o filtro brilhante, que me protegia; protegia as ações que tomei desde com ele e as que tomo com ele sempre, até que não precise dele mais; nessa vez que eu esteja preparado para agir sem ajuda do brilho, porque o brilho um dia será só meu, só meu; porque me preparei.

Com o brilho de motor eu pulei. Confiante, atirei-me ao mar, perto dali, onde nasci. Como uma criatura em despedida comecei a nadar. Uma angústia, aflição. Ana iria morrer; Ana iria perder... Perder-se para sempre...

Como se eu realmente recebesse a notícia, de repente; de repente mesmo, eu tinha a certeza de que para sua vida, a Ana precisava de uma instrução minha. Hoje, logo no dia que eu voltaria.

Braços, pernas, corpo, um lado para o outro. Cabeça primeiro, por último o restante. Um braço, o outro. Não escutava nada, só molhava, só molhava; quebrava as ondas, a energia; emergia, submergia, voltava ao topo. Não pensava, não pensava; não precisava. Eu sabia, sabia; eu descobria, entendia muito bem o que fazer. Não pensava; não precisava. Motor, máquina, corpo. Ondas, algas, esgoto. Tesouros, cidades, mar. Petróleo, explorar, ajudar. Sirius, areia, ar. Agilidade, sair, ficar. Partir; nunca mais voltar. Ana, um braço após o outro. Sair, voltar, ir, ficar. Um ano, Se mover sem sair do lugar. Minha mãe, feliz, sem despedir, sendo devagar. Pernas, peixes, pés. Rapidez, agilidade, diferença, missão. Um braço após o outro, um braço após o outro, antes a cabeça, depois a mão. Ana Valente, morte, irmão. Filtro, ajuda, ar. Ilha, ficar; ir e ficar. Um braço após o outro. Morrer, falar, permanecer no seu lugar. Generosidade, criar, preparar, a terra preparar. Terra que outros vão pisar. Ondas, quebrar; ondas, mergulhar, subir, molhar, chorar. Gerar, propagar. Continuar, morrer, viver, partir, ficar. Deixe ela ir de vez ao seu patamar. Deixe-a ir ao invés de desmaiar. Deixe ela ir e mas deixe ela ficar. Não deixe nada, deixe-a sozinha finalmente procurar. Permanecer ou não em seu lugar. Missão, ambição, submissão, um braço após o outro, pulei no mar como um irmão. Bater as pernas, bater as mãos; motor, rápido, chegando; salvar. Ana Valente, minha mãe, ilha, Vitória, mar. Nasci, cresci, procurei, minha irmã; amor, morte, consciência, missão. Aceitação, tristeza, desentendimento, missão. Desmaio, objetivo, ambição. Pernas, corpo, cabeça, peixes, panteras negras, leões marinhos, ambição, dor, necessidade, um braço após o outro; vivacidade. Alegria, contentamento, vibração,

escorrimento. Enganar; ausente, sempre presente. Água, mar, ondas, pular. Sangrar. Dinheiro, egoísmo, desentendimento, explorar. Saudade. Minha irmã, minha irmã, não é capaz de encontrar de fato o seu lugar. Irmã sem sangue, Ana Valente, eu vou chegar. Dor de cabeça, um braço após outro, é aqui o seu lugar? Não, não, chega. É bom, é errado, é ignorância, é desmaio, é passado? Não fico, não posso ficar; pernas, corpo, cabeça, sonho, missão, natação, diferença, chorar. Não me espere; não me espere, se sabe que eu não vou voltar. Pertencimento, nascimento, ondas; bem, mal. Meu Deus, Ana, você estaria chegando ao seu final.

Eu, Martim; 16 anos, 16 de janeiro de 1958; ontem, hoje e amanhã. Já estava cada vez mais próximo da areia, afastado do Sirius, do mar. Mudei tanto, encontrei. Não mudei não, cresci. Sou igual, permaneci, é, evolui. Se enxerguei? Enxerguei. Enxerguei sim, eu me vi.

Ânsia, ânsia gigantesca. Um braço, depois o outro. Meu cabelos, meu corpo; encharcavam, pingavam, jorravam o líquido que tanto nadavam. Um braço, depois o outro. Não sentia minhas pernas. Minha irmã Ana. Minha irmã Ana chorava por não estar em casa. Ou chorava porque eu chegava onde ela ainda pensa ser minha casa? Meu Deus, Ana está em pé, viva, acordada, na areia, me esperando, pingando.

Continuei nadando. Sem medo disso que vem logo a acontecer, sinto como se houvesse uma missão, como se essa missão tivesse que ter. Um braço, o outro. Não sinto minhas pernas. Será, Ana? Será que está bem? Algo errado, algo ficando perto, algo ficando certo... Vejo ela. Encontra-se aqui isso que vai acontecer conosco.

Um braço, o outro, finalmente, mesmo mergulhado, começo a tocar a areia; o chão. Passado um ano em minha casa,

nossa cidade, encontro-me novamente aqui de verdade. Um desespero, uma ansiedade, dessa vez não vi com tamanha propriedade. Deixavam de ser sentimentos ruins. Talvez meu filtro. Simplesmente sentimentos, estavam ali para mim, por esse motivo que não me compreendiam palavras; mesmo sabendo exatamente o que eram.

Não senti afundar, subir ao céu. Nada relacionado à última vez que, por sentimentos similares, atirei-me. Hoje, 16 de janeiro de 1958, soube que seria assim. Sinto saudade, despedida. De tudo, todos. Estou de volta na terra que amo, que nasci, ainda assim não permanecerei; apenas atendo um socorro. Tenho isso que me espera, dali... Esse objetivo...

Diferente de um específico momento - encharcado na rede - dessa vez me vejo encharcado na Ana. Colado na Ana. De pé na areia, grande e forte, beijando a Ana. Pequeno e fraco, procurando entender a Ana. A Ana é outra; sendo a mesma. Agora, enxergo algo na Ana que nos impede... Na Ana falta alguma peça. Ana não está em seu lugar, não como a sua pessoa, seu objetivo, sua ambição, sua prece. Ana está vivendo, dia após o outro; sendo boa, porém não sendo Ana. A Ana, sofre, desmaia, não entende, não entra, não sai da área, da praia, não compreende. A Ana tem outra vida; tem outro jeito. Ana morre diariamente aqui, tenta melhorar e não consegue, pois não é o seu defeito. Ana ainda não é a Ana que ela nasceu para ser; sofrendo por medo do efeito... de nunca isso perceber. Eu descobri o meu jeito, descobri em mim, em mim mesmo. Lá na cidade, sentindo intensidades, intenções. Recebendo meu filtro, praticando com ele as minhas ações. Ana ainda não é... Ana. Há um perigo absurdo dela soltar frases mal colocadas, que machuquem, estando assim, distante. É a Ana, tão distante da Ana, na minha frente, afasta-se cada vez mais... Ficando cada vez menos Ana. Infelizmente; quando olho nos seus olhos, ela perdeu um brilho que ainda tinha há um ano;

brilho herdado do nascimento, que só recuperará se encontrar-se. Segurei a Ana Valente com meu corpo todo, aqui, depois de nadar, encharcado. Ela também fez isso comigo, cada pedaço seu. Encarei, encarou. Em silêncio, choramos. Algo muito muito forte, isso, extremamente diferente de antes; entre ambos. Diferente entre histórias passadas, presentes, contadas. Já estava aqui antes. Eu e Ana. Algo entre nós, algo preenche um espaço que visivelmente seria inexistente, visto que grudados estamos no presente. Logo, há esse algo chegando; partindo; voltando.

Nós dois sentíamos.

Por um segundo eu apenas fiquei atento, vendo. Não, Ana Valente não era mais viva. Olhei para ela por uma última demora- da vez. Não disse mais nada. A Ana morreu, morreu a pior morte. Olhei, com meu filtro, profundamente para a Ana. Consegui vê-la inteira, por dentro, por fora, por tudo; cabeça aos pés. Ana me via, me via ao mesmo tempo; o tempo. Seu sangue ainda pulsava; não pulsava nem um pouco direito. O sangue da Ana Valente não pulsava mais para mim. Nem um pouco mais viva em mim ela era, dentro dela.

Ali da areia, da praia, avistei minha mãe. Avistei minha mãe e me despedi da minha mãe, que sabia que eu vinha para despedir. Minha mãe estava feliz.

Continuava olhando a Ana, com esperança. Olhar, só olhar, só olhar e ver se ela resolve procurar. Procure Ana, procure assim como eu o seu lugar. Sem descolar dela, uma tontura desumana tomou conta de mim, me jogou no chão. Caímos.

Foi sim, foi assim, quando caímos, nesse instante, que eu olhei para cima, carregado de emoção. É, eu vi, então, essa luz; uma luz na escuridão, um brilho de paixão. Só minha, forte, funda, acendendo ao meu corpo, na minha mão. Foi o momento, sim, de despedir. Olhei para cima e perdi para sempre meu filtro, deixei ele ir. Agora, não me pertence. Pertence à Ana Valente, pertence a ela. Ele já sou eu, e eu sou dela.

